This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port 6122.32.5

Harvard College Library.

FROM THE

GEORGE B. SOHIER PRIZE FUND.

The surplus annual balance "shall be expended for books for the library."
— *Letter of Waldo Higginson.*
Jan. 10, 1893.

Received 18 May, 1895.

POESIAS

POR

F. PALHA

Francisco Palha de Faria Lacerda.

SEGUNDA EDIÇÃO

(AUGMENTADA.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE J. GERMANO DE SOUSA NEVES.

Rua do Caldeira n.º 6.

1858.

Port 6122.32.5
~~Port. 6122.3~~

FLORES DO TUMULO.

AO MEU AMIGO

AUGUSTO TALONE.

Mon Dieu! Vos dons toujours depassent vos promesses
Et dans mon plus beau réve autrefois d'amitié
Mon cœur n'en avait pas deviné la moitié!

LAMARTINE.

Os versos que te offereço — senti-os: — nem podia deixar de ser assim, quando foi a tua tristeza que m'os inspirou: — desculpa-os tu — desculpem-n'os todos os que os lerem — ao menos por isto. —

Se uma sepultura nos ligou tão intimamente — Augusto — só duas nos podem separar, porque a tua amisade é hoje, e será sempre, um dos meus mais intimos orgulhos.

Povos — Dezembro
de 1851.

~~IV. 4677~~
PnT 6122.32.5
~~Port. 6122.3~~

HARVARD COLLEGE
MAY 18 1895
LIBRARY.

Schier fund.

FLORES DO TUMULO.

I

> Et l'âme se fond en priére
> Et s'entretient avec les cieux,
> Et les larmes de la paupiére
> Sechent d'elles mêmes a nos yeux!
>
> LAMARTINE.

Oh! Vem, meu pobre afflicto, vem, amigo,
Entre as sombras gemer da solidão!
Alli encontrarás um doce abrigo,
Alli encontrarás consolação!

N'hora em que o coração é mais enfêrmo,
Quando expira da tarde a frouxa luz,
E profunda mudez habita o êrmo,
Buscarás pelo val singella cruz!

Por sua alma orarás no chão prostrado
Sem que te insulte o impio, que não crê;
D'importunos profanos separado
Só Deos te escuta alli, — só Deos te vê!

Oh! Vem, meu pobre afflicto, vem, amigo,
Entre as sombras gemer da solidão!
Hão de as rôlas queixar-se alli comtigo,
Seu nome os ecchos tristes te dirão!

Em cada rosa branca, que emmurchece,
O retrato verás d'uma outra flor;
E, só porque com ella se parece,
Um beijo lhe darás de casto amor!

Depois — d'outomno a brisa caprichosa
D'essa rosa as folhinhas levará,
Mas nas asas da brisa a murcha rosa
Levar teu casto beijo aos ceus irá!

Oh! Vem, meu pobre afflicto, vem, amigo,
Entre as sombras gemer da solidão!
Vem, para engrinaldar-lhe o seu jasigo,
Colher pendidos ramos de chorão!

Quando a pallida lua os campos beija,
E a natureza inteira dorme em paz,
Vagando no pinhal, que rumoreja,
Ora aqui... ora alem... tu a verás!

Umas vezes, carpindo, ao vento, triste,
As prégas da mortalha desdobrar:
Outras vezes, contente, como a viste,
Teus olhos com seus olhos namorar!

Vem pois, ó pobre afflicto, vem, amigo,
Entre as sombras gemer da solidão!
Que tudo hade soltar alli comtigo
Sentido canto d'infeliz paixão!

Dáfundo — Setembro
de 1851.

II

Oração singella
Mas solemne, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudósos
Que a natureza envia ao ceu no extremo
Raio do sol.

A. HERCULANO.

No sino da freguezia
Tres badaladas ouvi:
Sobre a terra humida e fria,
De joelhos, mesmo aqui,
Oremos, que é findo o dia,
Ave Maria.

Das faldas da serrania
Moço pastor ao curral
Os fartos rebanhos guia:
D'abundancia, ao d'hoje igual,
Dá-lhe ámanhã outro dia,
Virgem Maria!

A mãe que o filhinho cria
No seu berço o vae deitar:
Tranquillo somno lhe envia
Sobre o seu tecto pousar
Até ao romper do dia,
Virgem Maria!

Não deixes que a ventania
Negras asas possa abrir;
Do p'rigo o nauta desvia,
Dá-lhe uma estrella a luzir
Como luz o sol de dia,
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria;
Ao que tem fome, dá pão;
A quem teu nome injuría
Dá sincera contricção
Antes do extremo dia,
Virgem Maria!

Ao muribundo abrevia
As horas do padecer;
Livra-o da grande agonia,
Leva-o depois de morrer
Ao mundo do eterno dia,
Virgem Maria!

Por quem jaz na terra fria
Oremos aqui tambem!
Já lá tens quem mais te qu'ria,
Já lá tens, amante, e mãe!
Sê com ellas noite e dia,
Virgem Maria.

E quando da freguzia
O sino outra vez tocar
Sons de tal melancolia,
Juntos te havemos rezar,
Oração do fim do dia,
Ave Maria!

Povos — Setembro
de 1851.

III

Ai! Que pavoroso instante! ..
Os anjos todos cubriram
Seu rosto co'a asa brilhante.
GARRETT.

Feia noite de finados,
Negro phantasma, eis-te emfim!
Teus segredos devassados
Vão, ó noite, ser por mim!
Junto á cruz do cimiterio
De teu sombrio mysterio
O véo rasgar aqui vim!

Tranquillo é tudo! Repousa
O céu, a terra, e o mar!
O morto dorme na lousa,
Dorme o vivo no seu lar.
A florinha o calix fecha,
E pender, curvar-se deixa,
Como quem quer descançar!

Nem piar d'ave agoureira
Que lá nas trevas nasceu,
Dos sepulchros companheira,
Perturba o silencio teu!
Nem uma voz, um gemido,
Da terra funda sahido,
Sahido d'um mausoléu!

Feia noite de finados,
Teus segredos quem os tem?!
Quem no seio os tem guardados,
Que assim os guarda tão bem?
Tranquillo, sereno, e mudo
É hoje, ó noite, aqui tudo,
Qual hontem fôra tambem!

Oh! Passas tu porventura
Como da lua ao pallor
Passa a estiva noite pura,
Respirando em tudo amor?!
Pois dize tu—não é hoje
Que do antro, uivando, foge,
E sôlto reina, o pavor?!!

As historias, que em creança
A teu respeito escutei,
Que conservo na lembrança,
Que, sem errar, inda sei,
São invenções, que na mente
Da idade então innocente
Como verdades guardei?!

Feia noite de finados,
Se tens segredos, por mim
Serão elles devassados
Antes que chegues ao fim?!
Junto á cruz do cimiterio
Eu sondarei teu mysterio?!
Dize, noite—*não, ou sim?!*

O sino ao longe apregoa
Que a noite vae alta já.
É meia noite que soa...
Meia noite!... oh! Deos! Será?...

E que importa?! Seja embora!
Meia noite quer dizer
Que passou mais uma hora,
Que outro dia vae nascer.

E não diz o bronze augusto
N'esse bater nada mais:
Infundado é todo o susto:
Dormi em paz, ó mortaes!

Mas... quem sabe?!... N'este instante
Por entre as sombras... alli...
Pallido vulto gigante,
Fugindo, sumir-se vi!...

No musgo, que as campas véste,
Estranho lume brilhou!...
Este ranger... d'um cypreste
Foi o tronco que estallou!...

O mocho pia: é mais denso
O crépe da escuridão!
Em cada nuvem suspenso
Se baloiça um furacão!

E gôta a gôta a geada
D'esta cruz nos degráos cae!
E cada pedra tombada,
Não me engano, erguer-se vae!

Ó meia noite, que imperio
Que immenso imperio é o teu!!
Á tua voz no cimitério
Tudo a um tempo respondeu!

. . . . . .

São elles — os mortos! — Das campas, abertas
Por mão invisivel, surgiram em pé!...
Os olhos dirigem ás covas desertas,
Bem como dizendo — *a patria alli é!* —

E nuas as carnes — roidas — mirradas
Em si comtemplaram!... Tremeram de horror!
As rôtas mortalhas co'as mãos descarnadas
Ao peito apertaram!... Ás faces geladas
Dos mortos — disséreis — subira o rubor!

São elles — os mortos! — Se doces encantos
No mundo não tendes, que vindes vós ver?
Pois deram-vos leito, pois deram-vos prantos,
Então a que vindes?! Que vindes fazer?!

Dizei: a que vindes aqui reunidos,
Ó vós, que dormieis tranquillos e sós?!
Mas, ai! não me illudem, ai! não, meus ouvidos:
Dos mortos, que surgem, por entre os gemidos
Agora bem clara distingo uma voz!

« Dei-te o ser: entre caricias
« Criei-te no cóllo meu!
« Na vida as minhas delicias
« Eram, filho, um surrir teu!
« Lá não tinha outra alegria;
« Se eu era mãe, como havia
« Lá sentir paixão maior?!
« Coração, alma que eu tive
« Para amar-te, ó filho... vive...
« Não encontrarás melhor!

« Lamentar a minha ausencia
« Vieste durante um mez,

« Mas cançou-te a paciencia
« E não voltaste outra vez!
« Depois — disseste comtigo:
« — Ficae em paz no jazigo,
« Ó cinzas de minha mãe!
« Chorei-lhe o ultimo instante,
« Chorei a depois *bastante*,
« Não quero morrer tambem!! —

« Ciumes não tenho! Chóro
« Por ver-te sujeito á lei
« D'ingrato mundo: e te adoro
« Como d'antes te adorei!
« Sim, meu filho, se a ventura
« Cá mesmo da sepultura
« Posso dar-t'a — é tua já;
« Pois coração como eu tive
« Para amar-te, ó filho, vive
« E saberás que o não ha!

. . . . . .

E quatro a quatro as lagrimas ferventes
Os frios ossos escaldar-lhe vem!
Com vagaroso andar, rangendo os dentes,
Volta ao sepulchro a desditosa mãe!

Sumiu-se! Mas voz da terra
Nenhuma lhe respondeu!
Vem, compaixão, lá do ceu,
Para sempre a campa cerra
Sobre o frio corpo seu!

Sumiu-se!... E os mortos soltaram em côro
Um brado tremendo d'espanto e de dôr!
Depois o silencio! Depois entre chôro
D'angustia profunda sentido clamor:

« Que estrella má foi a minha!
« Amei-te apenas te vi!
« Dei-te quanto amor eu tinha,
« Pae e mãe deixei por ti!!
« Juras, que tu me fizeste,
« Promessas, que eu recebi,
« Ai! Tudo — tudo esqueceste
« Depois que me viste aqui!

« Olhos com que me fallavas
« Em tanta coisa do ceu
« Hoje — ingrato — oh! que os fitavas
« Em outra que não sou eu!!
« Os beijos, que meus só eram,
« Coração, que foi só meu,
« Se eram meus, se a mim m'os deram,
« Como é que a outra elle os deu?!

« Mas lá está! Mas dos seus braços
« Lhe formou doce collar!...
« Oh! Que meiguice! Que abraços!...
« Que frenetico beijar!!
« Se amor vem comnosco á tumba
« Zelos o hãode acompanhar!
« E tua voz aqui retumba,
« Não me deixa descançar!

« D'aqui te escuto, e te vejo:
« Não ha sensação em ti,
« Nem pensamento, ou desejo,
« Que eu não descubra d'aqui!...
« Juras, que tu me fizeste,
« Promessas que eu recebi,
« Ai! tudo, tudo esqueceste
« Depois que á terra desci!! — »

Um resto de cabello a pobre amante
Da caveira arrancou co'a a dextra mão:
Alçando a outra ao ar vagueia errante
Pedindo ao ceu vingança e maldição!

Vagueia! Mas voz da terra
Nenhuma lhe respondeu!
Resignação, vem do ceu
Trazer paz á crua guerra
Que se dá no peito seu!

Rasgou-se, estrugindo, das nuvens o seio,
E cospe nos ares electrica luz!...
E correm os mortos!... E a amante aqui veio
Cahir de joelhos ao pé desta cruz!

E um após outro parando os finades
Da fria garganta soltaram a voz:
« Malditos os vivos, que foram amados
« Por nós lá no mundo! — amaldiçoados!
« Que assim tão depressa se esquecem de nós:

Os ecchos sinistros nas faldas da serra
— *Malditos os vivos!* — repetem tambem:
Só lá no sepulchro, debaixo da terra
Perdão para todos! perdão! pede a mãe!

. . . . . .
. . . . . .

Porem d'alva a estrella no ceu annuncia
Que o sol vem já perto, dourado clarão
As trevas mergulha na luz d'outro dia!
Os mortos lá voltam á cova sombria;
Lá descem... lá pousam as frontes no chão!

Cruel verdade foi esta
Que ante os meus olhos passou!
Ao pobre morto o que resta
N'este mundo que deixou?!

Que lhe resta?! No momento
Em que a flor da vida cae,
Vem sentar-se o esquecimento
No logar do que se vae!

Mudo — alli — á dor assiste;
Dos vivos ouve o carpir;
Pouco a pouco o pranto triste
Troca em alegre surrir!

Se mandado assim não fosse
Por castigo lá do ceu
Descançar seria doce,
Ó morte, no seio teu!

Porque das negras tristezas,
Dos enganos, do chorar,
Das infernaes incertezas,
És tu que nos vens livrar!

Porque tu — placido abrigo! —
D'atribulado infeliz
És seguro porto amigo,
Porque tu só lhe surris!

Porque tu da tréva escura
Nos levas á eterna luz;
Por baixo da sepultura
A Deos tua mão nos conduz!

Se o esquecimento não fosse
O lençol do que morreu,
Oh! Como seria doce
Descançar no seio teu!

D'amor na afinada corda
Já tua alma hymnos não tem:
Mão nenhuma os sons lhe acorda
Pois perdeste amante e mãe!
Tudo perdeste ness'hora
— Fatal, — funesta! — E agora
Vê se as esqueces tambem!

Duvidar de ti eu soube!
Dentro desse coração
Onde amor tão grande coube,
Não, não cabe a ingratidão.
Amor alli fez morada,
Alli ficou — e mais nada
Entrar lá não póde, não!

A saudade, que aviventa
Quando na praia, ao sol pôr,
Sósinho o triste se assenta,
Consolando-o a propria dor,
Só essa — sim — tambem hade
Viver lá! Mas a saudade
Casta irmã não é do amor?

Oh! N'essa afinada corda
Tua alma seus hymnos tem,
Porque os sons inda lhe acorda
Lá da campa tua mãe;
Porque não passa um instante
Sem que de lá tua amante
Venha accorda-l'os tambem!

Uma diff'rença sómente
Na vida deves achar;
D'antes amavas contente,
Amas agora a chorar!
Pois sempre em teus sonhos vê-las,
Pois pensar — soffrer por *Ellas*
Que será senão amar?!

Que importa que a morte as roube?
Não hasde esquecê-las, — não;
Que onde amor tão grande coube,
Não, — não cabe a ingratidão!
Mortas são — por desventura! —
Mas que melhor sepultura
Podem ter que um coração?!

E lá na afinada corda
Inda amor seus hymnos tem
Porque a saudade os acorda,
Quando a triste noite vem:
Porque em tudo — e a cada instante
Te recorda a tua amante,
Vem fallar de tua mãe!!

Povos — 2 de Novembro
de 1851.

IV

> Voltige-t-elle dans le payz des songes?!— Dort — elle comme une lampe sainte enfermée dans le tabernacle?!
>
> A. DUMAS.

Teu corpo na sepultura
Bem sei eu que morto jaz:
Porém tu, ó alma pura,
Onde vives?! Onde estás?!

Serás tu a flor singella
D'aromas mil perfumada?!
O perfume, que vem d'ella,
Serás tu, alma adorada?!
Serás tu a flor singella
Que á luz do sol matutino,
Alvo lyrio,—a fronte ergueu,
Bem dizendo o bom destino
Que, Deos, florinha, te deu?!

Virás tu na doce brisa
Que ás horas mortas da sésta
Do mar beija a face lisa,
Canta, e brinca, na floresta?!
Virás tu na doce brisa,
Ou do rio crystalino,
Que entre roseiras nasceu,
Brando murmurio divino
Será um suspiro teu?!

*

Vagueias acaso errante
Por esse espaço infinito
Mandando d'instante a instante
De saudade á terra um grito?!
Vagueias acaso errante,
Astro meigo e peregrino,
Ou rasgando esse azul véu
Da suprema gloria o hymno
Cantas co'os anjos no céu?!

Teu corpo na sepultura
Ai! bem sei que morto jaz;
Porém tu, ó alma pura,
Onde vives?! Onde estás?!

Povos — Novembro
de 1851.

V

Ai! que sem rasão se chora!
GARRETT.

Homem, mundo, existencia,
Oh! Vós não fostes na essencia
Qual hoje sois, oh! que não!
Da miseria, da demencia
Não fez Deos a creação!

Depois no corrupto seio
É que o peccado nasceu;
Foi depois que o crime veiu;
De crimes o mundo cheio
Contra Deos a voz ergueu!

Por isso em ti o castigo,
Em ti o proprio inimigo
O Deos de justiça poz:
Trazes a morte comtigo,
És, ó mundo, o teu algoz!

Correm dias, fogem annos,
E triste a vida se esvae;
Sobre os miseros humanos
Impia a mão dos desenganos
A cada momento cae!

A traição segue os amores.
Ai! de quem colher as flores
Que hade os espinhos colher!
E depois—ficam as dores
Do golpe em sangue a escorrer!

Falsidade!—Hypocrisia!...
Eis o mundo como é!
Como do mar a ardentia,
Que a creança desafia
P'ra dar em pasto á maré!

Tu, mulher, gastas as horas
Pensando n'esse que adoras?!
Mas pensará elle em ti?!...
Homem, que soffres, tu choras?
Pois o mundo folga e ri!

Que importa ao mundo a desgraça?
Que lhe importa alheia dôr?!
O mundo—turba devassa—
Olha o martyr—olha, e passa
Como ante o escravo o senhor!

E o vicio triumpha, impéra!
Da riquesa a sêde gera,
Mas sêde que apaga só,
Como a sêde da panthéra,
Sangue roubado sem dó!!...

E travam crua batalha
As torpes, vis ambições!
E em cada lucta se talha
Um pedaço de mortalha
Ás moribundas nações!

Em ti o proprio castigo,
Em ti o teu inimigo
O Deos de justiça poz:
Trazes a morte comtigo,
És, ó mundo, o teu algoz!

Porém já que o amor paterno
Ingrato o mundo esqueceu;
Já que rebelde ao Eterno
De si fez o mundo—inferno—
Podendo ter feito o ceu;

Ja que o mundo é deste modo,
Já que perdido é de todo,
E a tristesa é viver cá,
Como a pérola no lodo
Alma pura aqui será!

Será como a flor cahida
Entre as urzes no pinhal;
Como em caverna perdida,
Onde as féras tem guarida,
Uma gôta de crystal!

E choras?! Gemes?! Suspiras?!
E em teu scismar admiras
Que tão cêdo fosse o fim?!
O fim, amigo?! Deliras!
O comêço—oh! isso, sim!

Mente essa pesada lagem;
Alli não dorme ninguem!
Ao começar da viagem
Descançou n'essa paragem,
Mas já partiu... e não vem!

Oh! não! Á terra não volta!
No véu virginal envolta
Aos ares seu vôo ergueu;
E anjo que as asas sólta
Não pára senão no céu!

Queres que o mundo possua
O que seu não póde ser,
E que Deos não restitua
Alma boa á patria sua
Depois de amar e soffrer?!

Pois então—se tu és crente
Na bondade omnipotente
D'esse Deus que t'a mostrou,
Em vez de chorar—contente
Bemdiz a mão que a levou!

É essa a mão que no seio
Dos homens poz o amor,
Que lhe poz tão doce enleio;
Que deu ás aves gorgeio,
Que o perfume deu á flor!

É essa a mão que a harmonia
Espalha em tudo o que cria
Desde a terra até ao céu;
Que o sol creou para o dia,
Que á noite as estrellas deu!

É essa a mão que desprende
A tempestade e o trovão;
Que a luz dos raios accende,
Da terra as entranhas fende
D'onde rebenta o volcão!

Que a um aceno o mar inteiro,
Como o leão prisioneiro,
Espumando faz rugir,
E depois—manso cordeiro
Gemer na praia, e dormir!

Pois se a mão assim potente
Deste mundo levar quiz
A meiga pomba innocente,
Tu que a amavas, tu que és crente,
Não chores!—É tão feliz!...

Povos—Dezembro
de 1851.

VI

.... il en est un solitaire, isolé,
Qui dans tes longs nuits t'a souvent consolé!
LAMARTINE.

Que nova luz é aquella
Brilhando assim lá no ceu?!
Nunca tão formosa estrella
Entre as estrellas vi eu!
E tu, que ha pouco eras triste,
Dize—porque é, que ao vê-la,
Alegre e feliz sorriste?!...
Ai! Que o sei!—A nova estrella
Que meiga illumina o céu
E a virgem pura e bella
Dos teus sonhos!—Sim, é *Ella*
Que fulge no reino seu!

VII

Adieu, vallons! Adieu, bocages!
....
Vieux pins, l'honneur de ces forets
Vous n'entrendrez plus nos secrets.
LAMARTINE

Adeos, ó ermo bemdito,
Emfim te vamos deixar!
Tu foste a patria do afflicto.
Oh! que o triste hade levar
As saudades do proscripto!
Vermelho sol, que te inclinas
E descendo vaes ao mar,
Sobre estas verdes collinas
Ámanhã não o illuminas,
Ámanhã não o hasde achar!

Espessa matta sombria
Onde um ecco respondia
Á dôr do seu coração,
Da doce melancolia
Socegada habitação,
Trémula flor, que descora,
Folhinhas sêccas no chão,
Ámanhã por esta hora,
Adorada solidão,
O triste não te namora!

Quem d'ora avante, mosteiro,
Santa casa de Jesus,
Que te elevas nesse outeiro,
Nos degráos da tua cruz,
Que as folhas cobrem do ormeiro,
Virá sentar-se—e mirando
Pelos vidros tua luz—

Te dirá de quando em quando:
« És, ó templo venerando,
« O pharol que me conduz! »

Branda—suave harmonia
Do toque da Ave Maria,
Que longe da multidão
Tens diversa melodia,
Inspiras mais devoção,
Ámanhã por esta hora
Chamarás á oração
Com tua voz meiga e sonora,
Mas—ai—que o chamas em vão
Porque o triste foi-se embora!

Frescas aguas crystalinas
No regato a murmurar,
Minhas pállidas boninas
Que eu vi crescer—pequeninas
Depois viçosas medrar,
Adeos tudo!—Ermo bemdito,
Bemdito e quieto lugar,
Tu foste a patria do afflicto,
Oh! Que o triste hade levar
As saudades do proscripto!

Das pobres casas da aldeia
Sobre o tecto o fumo ondeia:
Qual incenso, que se ergueu
Da terra, no ar serpeia,
E subiu depois ao céu!
Lá no pinheiral sombrio
Mais terna a rôla gemeu,
E que o sol já se sumio,
E do extremo raio seu
Tudo aqui se despedio!

Neste momento d'encanto
Em que tudo uma voz tem,
Flores, que o triste amou tanto,
Oh! dizei-lhe adeos tambem,
Pois vos regou com seu pranto!
Éccos da serra gigante,
Repeti-lhe neste instante,
Sem que os oiça mais ninguem,
O nome da sua amante,
O doce nome da mãe!

Do rio na pura veia
Presumpçosa a lua cheia
Já namora o rosto seu;
Do rio as aguas prateia,
No arvoredo se escondeu!...
Adeos, murmurios do rio!
Adeos, ó lua! Adeos, céu
Onde uma estrella lusio,
E foi tal a luz que deu
Que o triste, ao vê-la, sorrio!

E vós tambem, ó ruinas,
Negro espectro secular,
Que o florido val'dominas,
Do passado a historia ensinas
Em cada pedra a fallar,
Adeos! Ó Ermo bemdito,
Bemdito e quieto lugar,
Tu fôste a patria do afflicto;
Oh! que o triste hade levar
As saudades do proscripto!

Povos — Dezembro
de 1851.

ROMANCES POPULARES

E

POESIAS VARIAS.

AO MEU AMIGO

M. M. DA SILVA BRUSCHY.

Que le livre lui soit dedié
Comme l'auteur lui est dévoué.
V. HUGO.

ROMANCES POPULARES.

A INFANTA DE CASTELLA.

I

Que negro — negro cavallo
Desce ao val'a galopar!
Que esbelto moço a domá-lo!
Que nobre fronte sem par!
Delgado corpo bem feito,
Penetrante e vivo o olhar,
Mil joias bordam-lhe o peito,
Seda fina é seu trajar!
Quem n'o visse não diria
Que andava assim a caçar;
As sedas rasgar podia,
As joias por lá deixar!
Deos te guie o teu cavallo
Serra abaixo a galopar:
Moço, que vaes a pica-lo,
Onde intentas ir parar?!
Ás horas mortas da sésta
Que pretendes tu caçar,
Quando o sol ardente crésta
Queima — as areias do mar,

Quando os teus cães vão cançados
De calma e sêde a arquejar?!
São teus desejos baldados,
Só á sombra hasde caçar,
Que á sombra agora se acoita,
Da corrida a repousar,
A caça, que lá' na moita
Foram teus cães levantar!

. . . . . .

Nesse val'um roble annoso
Ergue altivo a fronte ao ar;
Da rôla o gemer saudoso,
D'uma fonte o murmurar,
Cuja branda — clara veia
Na rocha foi rebentar,
E por entre as flores serpeia,
Alli se estão a escutar!
Quem lá fôr, tenha cautella!
Se acaso se demorar,
A sua alma — hade prende-la,
Seu coração captivar!
Por força; — que, para amores
Virem no peito brotar,
Basta a fragancia das flores
Que alli se sente exallar,
Basta o êrmo quieto e triste
Desse bemdito lugar!
Quem não pensa então se existe
Alguem que nos queira amar?
Quem não diz mesmo comsigo:
— Oh! Que amor eu posso dar,
Se tivesse um peito amigo
Que m'o soubesse pagar!

. . . . . .

Direito ao roble caminha
O mancebo a galopar;
Galopa — já se avisinha,
Chega — e logo a desmontar!
Mal o pé pozera em terra,
Mal fôra a sombra buscar,
Ouviu do lado da serra
Estranha voz a clamar;
E depois, em breve instante,
Perto delle viu sentar
Uma virgem, que o semblante
Lindo tinha — de encantar!
— « Oh! Deos te salve, menina,
« Que vens a este lugar
« Com pente de prata fina
« Teus cabellos pentear!
« Dize-me, ó branca rosa,
« Neste val que vens buscar?!
« Co'a trança negra e formosa,
« Com teu surrir, teu olhar,
« Oh! Quem vens, senhora minha,
« Doido varrido tornar?! »

« Triste de mim — coitadinha! —
Ha tanto tempo a esp'rar!
Sete fadas me fadaram
Sete annos d'aqui estar;
Os annos hoje findaram;
Logo que nasça o luar
Livre sou deste meu fado,
Deste meu longo penar!
Tu serás o meu creado,
Vir-me-hás acompanhar »..... .....

*

Não lhe deixa o cavalleiro
Estas fallas acabar;
Seu movimento primeiro
Foi, no chão ajoelhar,
Foi — sem qu'rer — a mão tão linda
Unir aos labios — beijar!
Pouco depois poude ainda
Estas palavras soltar:
« — Teu pagem — meiga donzella? —
« É alto ainda o lugar!
« Vassallo, Rainha bella,
« Se queres aqui ficar! —

Foi a resposta um surriso,
Que só mulher sabe dar;
Um não sei *que* de indeciso,
Dos olhos certo baixar,
Que o *sim* aos homens parece,
Co'a ventura os faz contar,
Mas quasi sempre acontece
O não passarem de esp'rar!

II

Ao longe — no horisonte
Pállida a lua surgia:
No val, na selva, e no monte
Docemente reflectia!
Do roble sobre a folhagem
Mollemente a branda aragem,
Roçando as asas, gemia!
Se a donzella o *não* callára
Agora bem o provára
Pois o — *partamos* — dizia!

Junto ao cóllo côr da neve
Ella aperta co'a mão breve
Um véu tão fino, tão leve,
Que o cóllo todo se via;
Sobresae do rosto a alvura,
Redobra-lhe a formosura
Dessa elegante figura
Negra saia que vestia!
Quebrado está seu encanto;
Morrêra co'a luz do dia;
Mas nos seus olhos emtanto,
Á luz que nelles fulgia,
Novo encanto e captiveiro
Que n'alma do cavalleiro
Começára — mais crescia!
D'amor o magico enleio
Ao mancebo agita o seio,
Á virgem todo o prendia!
Da noite o languido beijo
Que a brisa traz n'um bafejo
Incerto, louco desejo
No peito ardente accendia!
Quer fallar — fallar não póde,
Que um tremor que á voz acode
Ás palavras lhe impedia!
Se os labios abrir podesse,
Se fallasse, que diria?!
Se a donzella o entendesse...
Mas, ai! não! não entendia.
Sente o pobre um grande abalo,
E seu fugoso cavallo
Pela rédea a passo guia:
Vae a virgem pura e bella
Sentada na rica sélla
Onde o oiro reluzia.
Triste o moço caminhava;

Pasmado ás vezes parava:
Já quasi que não pensava
Á força do que sentia!
Para que dar mais um passo
Se naquelle curto espaço
Tinha quanto appetecia?!
Se de seus paes a saudade,
Se a patria até, lhe esquecia —
E o seu mundo, a eternidade,
Tudo, alli se resumia?!

III

Atrás fica o arvoredo;
Vão na estrada a caminhar.
Se a donzella tinha mêdo,
Póde o seu mêdo deixar!
Da cidade os velhos muros
D'aqui se estão a avistar,
E ella os olhos escuros
Para a cidade a alongar.
Porque assim os olhos fita?
Que tem ella que mirar?!
Porque o peito se lhe agita
Naquelle continuo arfar?!

« Não sei o que essas paredes
« Me fazem a mim lembrar!
« Aquella torre... não vêdes?!
« Não sei se estou a sonhar! »

O mancebo não n'a entende;
Comsigo vae a pensar:
Não n'a escuta, não n'a attende,
Que o que quer é já... chegar!

Nas ancas do seu cavallo
Ei-lo d'um pulo a saltar,
Co'as esporas a pica-lo,
E o cavallo a galopar.
Perto estão já da cidade,
Suas portas vão entrar;
Elle... cheio de anciedade...
Ella a rir sem descançar!

« — De que vos rides, menina,
« Minha vida, meu amar,
« Minha esp'rança, minha sina,
« Que te havia de lembrar!
« Se é do correr do cavallo
« Eu o faço já parar,
« Ou se é curto este intervallo,
« Se achas que vae devagar,
« Tu verás que n'um momento
« O faço aqui rebentar!
« Oh! Diz-me o teu pensamento
« Que t'o quero executar!

« Do teu cavallo não ria
Que vae ligeiro a voar;
Nem na sua galhardia
Nenhum o póde igualar;
Mas ria do cavalleiro
Que meninas foi achar,
E só com ellas primeiro
Respeito soube guardar! »

Confuso fica o mancebo,
Oh! quasi, quasi a córar!
Como quem diz — *bem percebo.* —
Para o pé se poz a olhar!

« —Tornemos atrás, menina,
« Temos atrás de voltar;
« Ao descer essa collina
« Uma espora vi saltar!
« É rica espora de prata,
« Não a posso lá deixar! »

« Galopa, que não se trata
Agora aqui de a apanhar!
Já é tarde! Galopando
As portas vamos entrar.
Dourada espora em chegando
Sei que meu pae te hade dar!
Dize, moço, vive triste
O pae que venho abraçar?!
O Conde d'Alvôr existe?...
A vê-lo posso tornar?! »

« —Mas teu pae, ó maravilha,
« Que nome lhe heide eu chamar?!

« D'ElRey d'Hespanha sou filha,
« Por tal me deves tratar! »

Agudo grito se ouviu
Logo o cavallo estacar!
O moço o rosto cubriu;
Mas... chorando a soluçar!

IV

« —Passaste, sonho dourado,
« Lindo sonho, que eu sonhei!
« Raio de lume sagrado
« Sumiu-se, mal o avistei!

« Minha irmã... oh! sim! É ella!
« Nascida aqui em Castella
« Como eu sou — filha do Rei!
« Ó meiga, formosa estrella,
« Porque a tua luz tão bella
« Antes de vêr não ceguei?!
« *Impossivel!!* — Este nome
« Que eu jámais acreditei,
« Hoje surge, e me consome;
« É senhor, dicta-me a lei!
« Minha irmã! E póde, e hade
« Sómente dar-te amisade
« Quem te amou como eu te amei?
« Nem permitte a divindade
« Que eu guarde a triste saudade
« Do sonho de que acordei!!
« Como este cruel inferno
« Outro peior... não n'o sei!
« Antes o teu, Deos eterno;
« Menos então soffrerei!

V

Tocam os sinos na côrte:
Que será?! Não é dobrar...
O signal não é da morte;
Que será?! Por passear
ElRey na sua tapada
Não é d'uso repicar;
Nem vae á pia sagrada
Hoje ninguem baptisar!

« Meus pagens, e meus creados,
— ElRey se escuta gritar —

« Por oito dias contados
« Ninguem hade repousar!
« As festas por toda a parte,
« Os sinos a repicar!...
« Ó filha... vou abraçar-te...
« Volves emfim ao teu lar!
« Que os annos que te fadaram
« De negro encanto e pesar
« Hontem á noite findaram...
« Deviam hontem findar!
« Filha; filha.....

De repente,
Como acudindo ao chamar,
Rompendo por entre a gente
Que estava ElRey a escutar,
Eis a donzella apparece,
E sem ninguem lh'o apontar
Aos pés do Rei desfallece:
Mas erguendo as mãos ao ar
Ainda poude—« Es tu que eu vejo?!
« Pae... meu pae!—» balbuciar.
O rei levanta-a, e um beijo,
Apoz, outro... a não cessar,
E cem, e mil, com transporte,
Com avidez lhe vae dar!
Aquelle monarcha forte,
Que nunca soube chorar,
Conhece por si agora
Que só nos póde ensinar
Como deveras se chora
De prazer, ou de pesar,
Um casto amor innocente
Que n'alma vem rebentar.
Se outro amor o Rei não sente,
Se o não podéra encontrar

Na traidora da Rainha
Que foi por falsa a matar,
O novo amor que lhe vinha
Não hãode os prantos regar?
Regadas crescem as flores,
Vê-las sem agua murchar,
Tambem sem pranto os amores
Não podem crescer, medrar.
D'amor a candida rosa
Vae n'alma o Senhor plantar;
Essa flor meiga e formosa
Lagrimas hãode orvalhar.
Ai d'aquelle que a não banha
Dos prantos no vasto mar!
Chora tu, ó rei da Hespanha,
Não deixes a flor seccar.

« — Minha irmã, que mais pertendes,
« Que mais tens a desejar?!
« Nosso pae ahi o tendes,
« As mãos lhe podeis beijar.
« Vê tu bem, ah! falla! ordena!
« O que podes tu sonhar,
« Minha irmã, pura açucena,
« Que eu te não vá procurar? —

« Procura tu o meu conde,
Sem o vêr não posso estar;
Onde vive, onde se esconde
Que me não vem já fallar?!
Que venha, venha depressa;
Com elle quero casar.
Cumpra-se emfim a promessa,
Cançada estou já de esp'rar! »

« —Não falles em casamento
« Que o peito sinto estallar!
« Este amor é meu tormento,
« Estes zêlos—de matar!
« O Conde.....

—Por Deos te calles,
Bem te podes tu callar!
Palavras que tu lhe falles,
Que a venham mortificar,
Contra mim, senhor meu filho,
Tambem as heide tomar!

« —Ante vós, ó rei, me humilho;
« Sois meu pae, podeis mandar!

—Ide vós, meu camareiro,
Oh! Parti sem mais tardar!
O Conde venha ligeiro
Que eu aqui o fico a esp'rar.
Meus pagens, e meus creados,
Quero sósinho ficar.
Por oito dias contados
Jogos, danças, de pasmar!
As festas por toda a parte
Que vae a infanta casar.
O filha, poude abraçar-te;
Que mais tenho a desejar?!—

O povo apenas saíra
O Camareiro a chegar;
Apenas ElRey o víra
O Conde d'Alvôr a entrar!

Conde e Rei n'um aposento
Ambos se foram fechar;
D'alli a curto momento
Ambos se escutam fallar.
Ambos primeiro agitados,
Depois—um a soluçar:
Mudos—depois:—tão callados!...
Nem se sentem respirar.
Volve a chave: abre-se a porta,
Abre-a o Rei de par em par:
Sae o Conde; o peito corta
Vê-lo as barbas depennar...
Os cabellos levantados...
As faces a desmaiar...
Nos olhos tão encovados
A luz d'elles expirar!!

VI

« Abre-me a porta, Condessa!»
—Tão rouca voz e sombria,
Que com esta se pareça,
No palacio não havia!
Para ElRey partira o Conde;
Ninguem em casa responde
Ao que á porta assim batia;
Visitas de gente estranha
Nem que fôra o Rei de Hespanha
A Condessa recebia!
Batam embora; que importa?
Chapas de ferro ha na porta,
Alta fica a gelosia.—

« Abre-me a porta, Condessa!»
—Mais alto a voz repetia—

« Já não ha quem me conheça?
« Pois nem tu, qu'rida Maria?
« Por esta vez derradeira,
« Doce amiga, companheira
« Da vida, que tão ligeira
« Nos teus braços me fugia!

« Tua voz onde a sumiste
Que nem eu te conhecia?!
Inda agora tu partiste,
E já voltas?! Que seria?!
Porque vens, Conde, tão triste,
Com tanta melancolia?! »

Sentaram-se ambos á mesa,
Mas era tal a tristeza!
Nem um nem outro comia!
D'aquelles olhos o pranto
Rebentava—e era tanto
Que pela meza corria!

« Se tuas penas contasses,
Minhas penas contaria!
« Se tu sequer as sonhasses
« Tal não quizéras, Maria! »

« Mas tu que viste lá fóra?
Que tem o meu Conde agora
Que treme, suspira, e chora
Quando inda ha pouco surria?
Meu Conde d'Alvôr tão qu'rido,
Unico amor, meu marido,
O rei de quem és valido,
Consolar-te não podia?!

« —Quem quer vêr a minha esposa
« Que no rei inda se fia!
« Em vez de leito uma lousa
« Hoje mesmo dar-te qu'ria!
« Porque o salvei n'um combate?
« Para mandar-me que mate
« Minha mulher!—Covardia!
« Para obrigar-me ao protesto
« De casar com quem detesto...
« Sua filha!... Oh! Villania!—

—« Mas tu bem sabes, meu Conde,
Que eu a morte não mer'cia!
Tu não me matas?! Responde—
Era infame; não seria?!
Fujamos para bem longe!
Viverás vida de monge,
Lá verás nascer o dia
Sem do remorso o tormento!
Eu mettida n'um convento,
Nem sol nem lua veria!
Mas vêr a morte tão perto,
Descer eu á terra fria,
E sendo o sepulchro aberto
Por mão de quem tanto qu'ria!!
Mas saber, que esse teu braço,
Que em meigo—suave—abraço
Ao teu meu seio prendia,
Hade outra mulher senti-lo,
Hade ao seu corpo cingi-lo,
Isso, Conde, é que eu temia!
E depois, o extremo grito,
O suspiro da agonia,
Te ficava n'alma escripto,
Meu nome te repetia!
Entre a rival, e o teu peito,

Quando estivessem no leito,
Minha sombra surgiria!
Tu sabes isto, meu Conde,
Pois que a morte eu não mer'cia!
Tu não me matas?!... Responde...
Era infame: não seria?!»

« —Tudo isso eu lhe lá disse,
« E por mais que lh'o pedisse
« Sem faltar á cortezia,
« Hoje quer, minha Condessa,
« Quer que vá tua cabeça
« Nesta dourada bacia!
« Cumpra-se pois esta sorte!
« Tem de ser! Poder mais forte
« Do que amor, manda que a morte
« Me leve minha alegria!
« A minha alma vae comtigo:
« O corpo, que a infanta qu'ria,
« Cá fica, mas eu te sigo
« Ao mundo do eterno dia!
« Sempre tu, minha Condessa!
« A tua lembrança impressa
« Sempre em minha fantasia!
« Ao menos tua figura
« D'angelical formosura
« Veja erguer da sepultura,
« Qual na vida—ó ceus!—te via!
« Não me aterra, não me assombra
« Vêr surgir a tua sombra;
« Será minha companhia!
« Mas qual és, esse teu rosto,
« Esse formoso composto
« Em que eu tanto me revia!
« Vem! Nas noites mal dormidas
« O sangue de tuas f'ridas

« Com meu pranto apagaria!...
« Reza pois, minha Condessa,
« Que á hora do meio dia
« Hade ir a tua cabeça
« Nesta dourada bacia! —

. . . . . .

Oh! que pranto alli vertido!
Que longo e triste gemido
Naquella casa se ouvia!
Oh! Que beijo tão ardente!...
Oh! Que saudade pungente
Era a que o beijo dizia!
Que solemne despedida
Ao amor, esp'rança, e vida,
Onde a voz não era ouvida,
Que só nos olhos se lia!
Eterno adeus á ventura,
Mas dito com tal doçura
Que a rocha mais bruta e dura,
Se o entendesse — partia!

. . . . . .

« Faz-me tu este recado,
Criada minha de um dia,
Esse filhinho adorado
Em cujo rosto me eu vi,
Traz-m'o cá! ó pequenino,
Mamae, mamae, meu menino,
Este leite da agonia,
Que ámanhã por esta hora
Hasde ter mãe e senhora
De mais alta senhoria! »

Correm lagrimas de mágua
Sobre o infante que dormia.

Oh! Que baptismo! Em vez d'agua,
Os prantos que a mãe vertia!

. . . . . .

Já o Conde ergueu a espada!
Cae a mulher desmaiada;
Morrerá?! Não morreria?!

VII

O templo de povo é cheio;
Ouvem-se os padres cantar;
Vae o *requiém* já em meio;
Quem é que vão enterrar?!
Porque quer ElRey se mude
O festejo em tal pesar?!

. . . . . .

Abriu-se o rico ataúde;
Agua benta vão lançar;
C'roa branca de donzella,
Que a tumba vae esposar,
Cingindo a fronte inda bella
Da que á terra hade baixar!?
Sobre o veludo que encobre
A eça em que a vão pousar,
Bordado o brasão mais nobre
Que Hespanha póde contar!!
Vê-se em roda a fidalguia,
Ninguem se atreve a faltar,
Que tal fazer bastaria
Para o Rei não perdoar!
É morta pois... a infanta
Sem se poder confessar!
O povo todo se espanta,

Ao caixão não quer chegar,
Que morreu impenitente
Por casados descasar,
Coisa que Deos não consente,
Que vem sempre a castigar!
Duas almas que se entendem,
Que uma só podem formar,
Que dos homens só pretendem
Que em paz as deixem amar,
O laço que Deos unio,
Que Deos quiz abençoar;
Quando na terra se vio
Podesse alguem desatar?!
Soffrer — sim! — Isso de certo;
Hãode soffrer e chorar;
Mas viva um no deserto,
Vá outro longe habitar,
Não se escutem, não se vejam,
Que nem isso os faz mudar!
N'essas brisas que os bafejam
Ambos se estão a escùtar!
Em tudo gravada a imagem
D'um e d'outro! Terra e mar,
Bravas ondas, flor, aragem,
Tudo diz: — *amar! amar!* —
Almas assim tão constantes
Ninguem póde separar,
Que no céu tem os amantes
Um anjo para os guardar!

Por essas ruas se sente
Dos padres o psalmear!
Em grupos se apinha a gente;
Não tarda a tumba a passar.
Desce os degráos da capella;
Desceu, lá vem devagar!

*

Perto está! Junto á janella
Da Condessa foi parar!
De branco burel vestido,
Quebrado o corpo a vergar,
Velho, de dôr transido,
Quasi cégo de chorar,
O Rei d'Hespanha parára
Tristemente a soluçar!
No chão depois se prostrára
Á regia fronte a rojar
Sobre o pó! Ei-lo começa
Para a janella a fallar:

—Por Deos te peço, Condessa,
Que me queiras escutar!
Foste, mulher, offendida,
Bem o sei, por meu pesar!
Tentavam roubar-te a vida
Para o marido roubar!
Eu venho a teus pés contricto
Meus peccados confessar;
Com meu pranto eu venho afflicto
Teus pés, Condessa, regar!
Minha filha alli repousa,
Nunca mais ha-de acordar!
Oh! que em breve a fria lousa
Seus restos ha-de guardar!!
Dôr igual a esta minha
Não n'a pódes encontrar,
Que um amor, qual eu lhe tinha,
Foi só meu, não teve par!
Esse amor hoje me imprime,
Vem-me na face estampar
A negra nodoa d'um crime
Que eu não sei como lavar!
O cilicio, a penitencia

Já n'um claustro fui buscar;
Socego de consciencia
Não n'o achei aos pés do altar!
Mas que importa que eu padeça,
Que eu sinta o peito estallar?!
Sómente peço, Condessa,
N'esta hora de pesar,
Que réses por mim, por ella,
Que nos queiras perdoar!

—« Por essa morta donzella
Eu venho, senhor, de orar.
Desça em paz seu corpo á terra;
Vá sua alma o ceu entrar,
Que ao triste que pécca e erra,
Quando os erros vae pagar,
Como nós — pobres mulheres! —
Ninguem sabe desculpar. »

Infeliz, se tu quizeres
Os teus prantos enchugar,
Se da amargura o espinho
Tu queres em flor tornar,
Não fujas — não vás sósinho
Comtigo mesmo chorar!
Infeliz, confia, e ama
Se queres ventura achar!
Oh! D'amor a ardente chamma
Tua desgraça e penar
N'uma hora — n'um momento —
Em cinzas póde tornar!
Da vida todo o tormento
Sabe a mulher apagar
Com um longo — longo — beijo,
Uma palavra, um olhar!
É formosa quando o pejo

Lhe vem as faces corar!
É grande, porque alma e vida
Tudo entrega a quem amar!
É nobre, porque offendida
Sabe sempre perdoar!
Ao nascer lhe diz o Eterno:
—Eu do ceu te fiz baixar;
Vae, mulher, vae do inferno,
Surrindo, os grilhões quebrar!
Que tu, mulher, és do mundo
Mystica estrella polar;
Sacro mysterio profundo
Creado para salvar!—

E ao dar do meio dia,
Sem uma só vez faltar,
Sósinha a Condessa ia
Pela infanta a Deos resar!
Á louca infanta os amores
Tanto a fizeram peccar,
Que, n'aquella terra, flores
Nunca poderam brotar!
Uma cruz que lhe benzeram,
Que lá foram levantar,
Mal sobre a cova a pozeram
Viram-n'a logo tombar!
Mas ao dar do meio dia,
Sem nunca, nunca faltar,
Sósinha a Condessa ia
Pela infanta a Deos resar!

A APOSTA DO REI.

I

—Vinde cá, ó madre minha,
Só vós me podeis valer!
Pela Sylvana moirinha
D'amor me sinto morrer!
Mas a moira é caprichosa,
Ou não me sabe entender:
Se não cede, se é teimosa,
Deita-me a moira a perder!

Se joias deseja e oiro
Oiro e joias ha-de ter!
Se me quer vêr feito moiro,
Moiro já me vou fazer!
Nem com isto a Sylvaninha
Quiz ouvir-me—quiz ceder!
Diz-me tu, ó madre minha,
Se não faz endoidecer?!

« Bate á porta da Sylvana,
« Pede-lhe agua p'ra beber;
« Vae um dia, uma semana,
« Torna, meu filho, a bater!
« Mas depois passem tres dias
« Sem a moirinha te vêr:
« Logo falta lhe farias,
« Que é moira, mas é mulher!

—Olhe, madre, que se engana,
Quem não vê póde esquecer!
A minha moira Sylvana
Sempre, ao menos, me ha-de vêr!

II

—Sylvaninha, minha amante,
Sylvaninha, meu amor,
Agua fresca ao viandante,
Que não póde ir adeante
Sem matar este calor!...

Não me respondes, moirinha?
Tu que temes, linda flor?!
Não quero, por vida minha,
Senão agua, Sylvaninha!
« Corre na fonte, senhor! »

—Muito longe fica a fonte,
Cae um sol abrasador!

« Ao trepar aquelle monte,
« Que vos fica alli defronte,
« Sombras tendes, meu senhor. »

—Sylvaninha, minha amante,
Sylvaninha, linda flor,
Mata a sede ao viandante,
Que não póde ir adeante,
Que morre por teu amor!...

III

—Madre minha, madre minha,
Longes terras vou buscar!
Deixo-vos, madre, sósinha
Nos meus reinos a reinar!
Fui á moira, pedi agua,
Pedi-lh'a—não m'a quiz dar!
Entrou-me tamanha mágua,
Que est'alma senti virar!
Porém hoje, madre minha,
Fiz uma aposta real!
Se não engano a moirinha,
Dou meus fios de coral,
Minhas armas, meu escudo,
Meu cavallo, e meu punhal,
Palacios, jardins, e tudo,
Que a minha aposta é real!
E se a perco, madre minha,
Longes terras vou buscar,
Que é morrer vêr Sylvaninha,
Vê-la aqui, sem a gosar!
Madre minha, has-de ensinar-me
Como em casa lhe hei-de entrar!
Porta dentro devo achar-me
Logo que o gallo cantar!—

Véste os meus brocados, filho,
Minha saia de brial,
Meu corpo de damasquilho,
Põe no rosto o meu sendal!
Se a moira vês á janella
Não lhe dês nenhum signal,
Nem ponhas os olhos n'ella,

Que pasmas... e fazes mal!
Se não te falla a moirinha
Põe-te, filho, a passear,
Que a moira é muito novinha,
Não passa sem perguntar;
Se não temes ir sósinho
Depois do gallo cantar,
Se perdeste o teu caminho,
Se não tens onde ficar!»

IV

No eirado já se ouvia,
Da meia noite o cantor;
Meia noite, que annuncia
Comêço de novo dia;
Comêço de nova dôr!

Mas que o mancebo, que espera,
Conta e escuta com fervor,
Pois que a luz de nova era,
D'um sonho, que a mente géra,
Lança o primeiro fulgor!

Hora solemne de mêdo...
Mêdo — não! — doce temor
Que sentimos quando o crédo,
Dentro no peito em segredo,
Jurâmos guardar — d'amor!

Cavalleiro, corre, vôa!
Talvez sejas vencedor!
É meia noite que sôa!
Meia noite, a hora boa
Para batalhas d'amor!

V

« Quem sois vós por esta hora,
« Tão de noite, a passear?

—Tecedeirinha, senhora,
Das bandas d'além do mar!
Vim á cidade, e perdi-me;
Vim perdida aqui parar!
Que fiz na côrte algum crime
Meu padrasto ha-de pensar!
Dizei-me como se chama
Este sombrio logar:
Por compaixão, bella dama,
Que a praia quero buscar!

« Perdeu seu norte, senhora;
« Longe fica o areal!
« Não se lembre de ir agora
« Passar junto ao salgueiral,
« Pois dizem que á meia noite
« Se vê lá coisa infernal!
« Não vá, senhora; pernoite
« Neste meu pobre casal! »

—Deos vos pague, que eu acceito:
Quem deixára de acceitar?!

« Tendes logar no meu leito;
« Dormiremos par a par! »

—Temo que os vossos creados
Se lembrem de me affrontar!

« Ficarão todos fechados. »

—As chaves me haveis de dar.—

Alta noite a Sylvaninha
Seus creados quer chamar: ..

—Calla-te ahi, ó moirinha,
Não te queiras diffamar!
Sou senhor entre os senhores;
Rei!—comtigo hei-de casar.
Fiz uma aposta: os penhores
Quero primeiro cobrar!—

VI

Um engano, embora doce,
Doce e meigo o póde haver,
De muitos annos que fosse,
Quem devéras o quer ter?!
Que tem o mundo mais triste,
Mais cruel que póde ser,
Se quem no engano existe
O desengano ha-de vêr?!
Pobre de ti, Sylvaninha!
Sem dó te foram perder!
Debalde esperas!—Rainha—
Nunca, Sylvana, hasde ser!

DONA GUIOMAR.

I

Mal hajas tu, ó Maria,
Mulher do meu coração,
Que sete filhas me deste
Sem nunca ter um varão!

Respondêra-lhe a mais velha
Das sete que as filhas são:
« Calle-se ahi, ó meu pae,
« Não deite essa maldição.

« Compre-me escudo e cavallo,
« Compre as armas, e o saião,
« Que eu irei servir nas guerras,
« Nas guerras do Aragão! »

—Mas tens olhos de mulher,
Filha, conhecer-te-hão!—
« Os meus olhos, senhor pae,
« Não levantarei do chão! »

—Mas tens hombros de mulher,
Filha, conhecer-te-hão!—
« Os meus hombros, senhor pae,
« As armas os cubrirão! »

—Mas tens dedos de mulher,
Filha, conhecer-te-hão!—
«As minhas luvas de ferro
«Os dedos esconderão!»

—Mas tens o pé de mulher,
Filha, conhecer-te-hão!—
«Calçarei botas bem largas.
«Grandes os pés ficarão!»

—Adeos pois, ó minha filha,
Filha do meu coração,
Na terra por onde andares
Dom Marcos te chamarão!

II

Andou tres dias, tres noites,
Dom Marcos, sem descançar;
Nas serras a trote largo,
Nos prados a galopar!
Ao palacio do Rei moiro
Seu cavallo foi parar!

Para os olhos de Dom Marcos
ElRei moiro poz-se a olhar!

Ai! madre minha, ai! mi madre,
Amores me hão-de matar,
Pois os olhos de Dom Marcos
São de Dona Guiomar!

«Convida-o tu, ó meu filho,
«Um dia para o jantar;
«Cadeiras altas e baixas

« Porás junto ao seu lugar,
« Que se acaso fôr Guiomar
« Na mais baixa ha-de sentar!

Dom Marcos, como discreto,
A mais alta foi buscar!

Ai! madre minha, ai! mi madre,
Amores me hão-de matar;
Pois os olhos de Dom Marcos
São de Dona Guiomar!

« Convida-o tu, ó meu filho,
« Para no campo folgar,
« Que se acaso fôr Guiomar.
« Não deixa as flores de mirar;
« Depois de as vêr, se é mulher,
« Não deixa de as apanhar!

Todos colhiam das flores,
Dom Marcos a passear!

Ai madre minha, ai! mi madre,
Amores me hão-de matar,
Pois os olhos de Dom Marcos
São de Dona Guiomar!

« Convida-o tu, ó meu filho,
« Para comtigo caçar;
« Leva-o por montes e serras
« Que custem bem a trepar,
« Que se acaso fôr Guiomar,
« Ha-de por força cançar.

Cançaram todos na serra,
Mas Dom Marcos sempre a andar!

Ai madre minha, ai mi madre,
Amores me hão-de matar,
Pois os olhos de Dom Marcos
São de Dona Guiomar!

« Convida-o tu, ó meu filho,
« Para na feira comprar,
« Que se acaso fôr Guiomar,
« Co'as as fitas se ha-de tentar!

Todos pegavam nas fitas,
Só Dom Marcos a gritar:
« Oh! que espadim tão luzente
« Para com homens brigar!

Ai madre minha! ai, mi madre,
Amores me hão-de matar,
Pois os olhos de Dom Marcos
São de Dona Guiomar!

« Convida-o tu, ó meu filho,
« Para n'agua mergulhar,
« Que se acaso mulher fôr
« No rio não ha-de entrar!

—Entrae primeiro, senhores,
Que me quero descalçar.—

Mal dissera estas palavras
Uma carta lhe vem dar!

Deitou-lhe uns olhos de mêdo,
Abre-a tremendo Guiomar;
Apenas a abriu, Dom Marcos
Poz-se a ler, poz se a chorar!

III

« Ála! Ála! meus creados,
« É tempo de me ausentar:
« A jornada de tres dias
« N'uma hora se ha-de andar!

« Que meu pae está já morto,
« E minha mãe a espirar!
« Ai! seis irmãs que lá tenho
« Eu bem n'as oiço chorar!
« Adeos, valente Rei moiro,
« Que vou meu pae enterrar!

« Oh! Tu chamaste Dom Marcos
« A quem se chama Guiomar!

« Ála! Ála! meus creados!
« É tempo de me ausentar!
« A jornada de tres dias
« N'uma hora se ha-de andar!

—Ai triste de mim, Rei moiro,
Saudades me hão-de matar!
Bem m'o dizia no peito
O coração a pular,
Que os olhos do tal Dom Marcos
Eram teus, ó Guiomar!

Serás Rainha de moiros,
Moira minha, vem reinar!

« Ála! Ála! meus creados!
« É tempo de me ausentar!
« A jornada de tres dias
« N'uma hora se ha-de andar!

« Só no fim de tanto tempo
« Conheceste a Guiomar!!
« Quem por ti—a não ser ella,
« Podia seus paes deixar?!
« Moiro Rei, sem mim agora
« Oh! sem mim has-de ficar!»

—Ai triste de mim, rei moiro,
Saudades me hão-de matar!—

« Ála! Ála! meus creados!
« É tempo de me ausentar!
« A jornada de tres dias
« N'uma hora se ha-de andar!

IV

—Minha esposa, minhas filhas,
Grande dôr de coração!
Da guerra não tenho novas,
E Guiomar não volta, não!

« Ei-la aqui, pae da minh'alma,
« Mas sem armas, nem saião;
« Da guerra volto; não quero
« Por mais tempo ser varão!

« Que no combate, vencido,
« Vi prostrar-se um Rei no chão;
« Vencido, sim, por meus olhos,
« Que por outra coisa—não!

« Fingida carta me trouxe
« Escripta por minha mão!
« Diziam que o Rei não vinha,
« Vejam lá se veio, ou não!

« Captivo não quer ser livre,
« Pede mais forte grilhão;
« Não lh'o negueis, que é justiça,
« E o captivo tem rasão!

—Minha esposa, minhas filhas,
Folgue o vosso coração!
Ao mais valente Rei moiro
De Guiomar concedo a mão!

POESIAS VARIAS.

A MINHA PATRIA.

Vou erguer singello canto
Á minha terra natal.
Patria que inspire tanto
Não houve—não ha igual!
Quem não treme ouvindo a fama
Que os altos feitos proclama
Deste nobre Portugal?!
Quem não sonha com amores
Vendo o ceu, e vendo as flores,
Vendo o Tejo de crystal?!

Quem nas margens do Mondêgo
Póde um suspiro abafar?!
Quem alli será tão cego
Que de vêr não fique a amar?
O que fôr Mondêgo acima
Dilo-ha rival do Lima
No seu terno murmurar,
Nas suaves—brandas queixas
Que aos poetas mil endeixas
Fizeram ambos soltar!

Tu és, ó patria formosa,
O mais formoso jardim!
Caiste aqui, linda rosa,
Da fronte de um cherubim!
Nem a Alhambra, nem Granada,
Nem Veneza festejada,
Tiveram belleza assim!
Não te excedeu em riqueza,
Nem na rara fortaleza,
A decantada Pekim!

Veio aqui soberba Roma
A quebrar sua altivez:
Que com ferro e fogo a doma
Viriato—o montanhez!—
Ao braço do lusitano
Vérga e cae audaz romano
Em sangue banhada a tez!
Ainda as cinzas do imperio
Repetem no cimiterio:
Viriato—o portuguez!—

Hoje ainda os moiros tremem
De *Giraldo sem pavor;*
De raiva convulsos frémem
Recordando o seu valor!
Em Ourique Affonso talha
Com sua espada a mortalha
Dos descrentes do Senhor;
Ao som dos hymnos da guerra
João Segundo os enterra
Em Arzilla e Azamor!

Hespanha, vaidosa Hespanha,
Gemendo curva a cerviz,
Que quasi a c'roa lhe apanha,
Dom João—Mestre d'Aviz.—

Portugal, bem fez teu povo
Quando em seu esforço novo
Dom João por seu Rei quiz;
Foi então que a Hespanha escrava,
Tremendo, seus olhos crava
Na patria d'Egas Moniz!

Aljubarrota — Valverde!
Repete do mundo a voz:
Ao longe o écco se perde
Onde os gêlos vivem sós!
Era a espada formidavel
De Dom Nuno — o Condestavel —
O sol dos nossos avós!
Todos os loiros da gloria,
Das batalhas a victoria,
Tudo então era por nós!

Onde vão essas galeras
Cortando as aguas do mar?!
Onde vão — que novas eras
Portugal ha-de marcar?!
Nas ondas, que não conhecem,
Que nunca — nunca — adormecem
Que tentam ellas buscar?!
Oh! Quem é esse valente
Que olhando p'ra o oriente
Vae o caminho a apontar?!

Oh! quem é? Como se chama
Esse guerreiro da cruz?!
É portuguez; é o Gama
Que á patria dá nova luz!
Lá brada: — « não temo a morte
« Que a vida confio á sorte
« Por meu Rei, e por Jesus!

« Da patria o nome não finde,
« Que Moçambique e Melinde
« Na sua historia eu já puz. »

Ó Vasco, teu alto feito
É grande, mas tem rival,
Que os brios ardem no peito
D'Albuquerque, e de Cabral!
Tambem em terra estrangeira
Pregaram nossa bandeira
Sem mêdo do vendaval;
Descobriram — conquistaram,
Como tu tambem bradaram
Por Jesus e Portugal!

Se o braço dos portuguezes
Era como o de Samsão,
Tão forte como os arnezes
Tambem era o coração!
Nem vís promessas, nem mêdo,
Nem oiro dado em segredo,
Lhes comprava uma traição,
Que lá 'stá — e d'isso timbra,
O castello de Coimbra
A lançar esse pregão!

Mas não foi sómente a guerra
Quem tanto nome lhe deu;
Que importam coisas da terra
A quem as teve do céu?!
O oiro trocar-se em rosas
Nessas eras milagrosas
Uma rainha mer'ceu!!
Virtude na monarchia,
Meigo amor, doce poesia,
Tudo Deos nos concedeu!!

Oh! que amor terno e constante
Foi esse da pobre Ignez!
Que o diga o cédro gigante
Que a escutou tanta vez,
Quando triste e pensativa
Vinha ao bosque, fugitiva,
Quebrar da noite a mudez.
Ai! que o repita, que o conte
O murmurio dessa fonte
Que vinha beijar-lhe os pés!

E que amor — e que poesia
Teve Luiz de Camões!!
Foi o senhor da harmonia,
Foi o rei dos corações!!
Curvae-vos, genios do mundo,
Que o Camões não tem segundo
Em tão sublimes canções!
Tu, ó patria, o rosto cobre
Que o teu Camões morreu pobre
Da miseria nas soidões!!

Eu bem sei; sendo teu filho
Não devêra assim fallar;
Mas desde então o teu brilho
Começou de se apagar!
Na batalha que perdeste
Tu — cançada adormeceste
Do teu sceptro procurar!
Camões, a patria desculpa,
Que a pobre não teve culpa,
Não poude a tempo acordar!

Tanto sangue derramado
Lá nesse Alcacer-Kibir
Fez-lhe o somno tão pesado

Que teu' ais não poude ouvir;
Que só deu signaes de viva
Quando d'Hespanha captiva
Quiz o jugo sacudir!
Desde então até agora
N'esse somno, que a devora,
Tornou de novo a cair!

Acorda! que o tempo corre,
Que o dormir não é viver!
Uma nação tambem morre,
Tambem a tumba ha de ter!
Patria — patria — ouve este canto
De um filho que te quer tanto
Qual nenhum te póde qu'rer!
Ergue-te desse teu leito
Que inda tens dentro no peito
Um coração a bater!!

Se os loiros murcharam tanto
Que se precisem regar,
Todo o meu sangue, o meu pranto
Aqui te venho offertar.
Eu darei a minha vida
Por não vêr mais abatida
A minha terra sem par!
Oh! deixa de ser espectro,
Patria, toma o teu sceptro,
E tornarás a reinar!

A***

Quando surgindo no oriente
Formosa a aurora reluz,
O brilhar do sol fulgente
Não te diz que existe a luz?!
Não te diz que chega o dia,
Essa encantada harmonia
Que da fonte transparente
Nos suspiros da corrente,
Que no perfume da flor,
Na viração — docemente
Ergue a terra ao creador?!
Quando á noite branda a lua
Pállida e triste fluctúa
No céu azul a tremer,
Tu não sentes o teu seio
Agitar-se em vago anceio?!
Não ouves — amor — dizer
A onda que sobre a praia,
Mirando a lua, desmaia
Até sumir-se e morrer?!
E queres, ó doce amiga,
Que eu seja só quem não diga
Quanto sente o peito meu?
Que apague cá dentro a chamma
Que doce queima e derrama
No coração, que se inflamma,
Reflexos da luz do céu,
Se desde o trovão que estalla,
Da cratéra do vulcão,
Até á flor que se emballa

Do monte na solidão,
Tudo tem voz, tudo falla?!
No momento em que um surriso
De ventura ao paraizo
Minh'alma afflicta conduz,
Agora que ressuscito,
Quando a vida me seduz
Hoje aqui por vez primeira
Porque esses teus olhos fito,
Pois só agora te vi,
Minha linda companheira!
Eu que do pégo profundo
Das feias trevas sahi
Não heide saudar o mundo?...
Quero amar-te! Ai! um instante
Como este de tanta gloria
De dizer que és meu amor,
Deixa, ao menos, que em memoria.
Qu'rida memoria constante,
Na terra me fique, ó flor!
Quero amar-te—hei-de dizer-t'o!
Pois tu não vês que é morrer
Vêr a fonte no deserto,
Tê-la ao pé, e não beber?!

. . . . . .

Se desde o trovão que estalla,
Da cratéra do vulcão,
Até á flor que se emballa
Do monte na solidão
Tudo tem voz—tudo falla
Na terra, no mar, no céu,
Tu não queiras, qu'rida amiga,
Que eu seja só quem não diga
Quanto sente o peito meu!

A VOZ DE UM CÉGO.

Sou cégo!—N'uma batalha
A minha vista perdi!...
Triste de mim que a mortalha
Me não cubrio logo alli!
Eu neste mundo que faço
Se não posso dar um passo,
Se para tudo morri!!...

Se a minha espada valente
Senti cair-me da mão;
Se já não posso ir na frente
Defender esta nação!
Se morta está minha esp'rança,
E do que fui a lembrança
Me punge no coração!!

Era feliz quando via
Da aurora o meigo arrebol!
Dizem-me agora que é dia
Os cantos do rouxinol;
Diz-m'o da brisa o bafejo,
Sei que é dia—mas não vejo,
Ai! não vejo a luz do sol!

Em vão levanto a cabeça
Tentando mirar o céu!
Sempre esta nuvem espêssa!
Sempre o mesmo escuro véu!
Inda sei que o sol existe
Porque a fronte, embora triste,
Com seus raios me aqueceu!

Sei que vive a flor no prado,
Que me embalsama este ar,
Porque á tarde eu vou callado
O seu perfume aspirar!
Ao escutar um gemido
Longo — longo — bem sentido —
Eu sei dizer — *é do mar!* —

Sei erguer á Divindade
A minha triste oração
Quando falla a tempestade
Na rouca voz do trovão,
Quando nas aguas revôltas
Vae roçar co'as asas sôltas,
Rugindo, o negro tufão!!

Mas as douradas estrellas
Que eu tantas vezes fitei,
Que em doces sonhos ao vê-las
Esta minh'alma emballei?!
Ainda no céu fluctua
Aquella pállida lua
Das noites que tanto amei?!

Do astro saudoso ao lume
Porque lhe falta calor,
Ou ás estrellas perfume
Como esse que exhala a flor?!
Se já não posso fitar-te,
Ser-me-ha dado adivinhar-te
— Ao menos — noite d'amor?

Deos que déste voz á terra
Nas folhas seccas do chão,
Nos éccos tristes da serra,
No gemer da viração,

No meigo canto das aves,
E nos murmurios suaves
Da fonte na solidão;

Tu que déste ao mar nas ondas
Eterna voz á bradar
Que os abysmos que tu sondas
Ninguem mais póde sondar,
Porque da noite ás estrellas,
Branda voz ao pallor dellas
Não quizeste, Deos, juntar?!

Que me importa pois a vida,
Se o prazer que a vida tem
É p'ra mim rosa caída
Que entre as urzes murchar vem!
Quem póde dar-me alegria?!
A minha noite, o meu dia
Quem póde dar-m'os?—Ninguem!

Oh! maldita essa batalha
Onde os olhos só perdi!
Triste de mim que a mortalha
Me não cubrio logo alli!
Eu neste mundo que faço
Se não posso dar um passo,
Se para tudo morri?!

A***

Surge vermelha a aurora,
Já tudo canta, e surri!
Tambem eu, Senhor, agora
Quero erguer meu canto aqui!
Bemdiz teu nome n'est'hora,
Das trevas saindo—a terra,
Porque lhe dás este alvor;
Porque o perfume, que encerra,
Lhe déste—bem diz a flor:
Tambem eu que só e triste
Nos êrmos buscára abrigo,
Hoje, meu Deos, te bemdigo
Porque me déste o melhor
De quanto no mundo existe,
Pois me déste o seu amor!
Mas se a fragil, pobre planta
Pelo sol que se levanta
Logo murcha hade pender,
Mas se á feia treva escura
Logo a terra hade volver,
Dure mais minha alegria,
Do qu'rido sonho a ventura
Dure mais—que é pouco um dia
Para eu te bemdizer!

O CANTO DO ABENCERRAGEM.

Meu cavallo não descança,
Galopa a bom galopar!
Coitado se agora cança,
Se em Granada eu não entrar!
Lá nasci; é minha terra;
No deserto a mão da guerra
Os meus paes foi sepultar!
Foi proscripto o pobre moiro,
Mas do Darro as margens d'oiro
Hoje mesmo ha-de pisar!

Que me importa, ingrata Hespanha,
O teu jugo, o teu poder?!
O moiro não teme a sanha
D'aquelles que hade vencer!
Meu corcel, depressa! avante!
Que do Xenil n'um instante
As aguas hasde beber!
Corre, que nesse horisonte
Descubro a sombra do monte
D'onde a patria eu heide ver!

Sínto aqui dentro no peito
A ferver-me o coração;
Parece que vae desfeito
Como a lava do vulcão!
Levo este alfange a meu lado,
E o punhal bem apertado
Na minha pod'rosa mão!
Ai daquelle que a entrada
Tentar negar-me em Granada
Que fica morto no chão!

Formoso Generaliffe,
Teus jardins eu venho ver;
Da minha raça no esquife
P'ra vingar-me eu vou viver!
Minha Alhambra namorada,
A minha Serra Nevada,
Tudo outra vez heide ter!
De linda sultana airosa
Nos labios da côr da rosa
Heide esgotar o prazer!

Nem oiro, nem joias finas
Hãode nunca alli faltar;
Com ellas cem concubinas
Heide eu mesmo ir enfeitar!
Heide cingil-as co'os braços
Nos mais lascivos abraços
Sentindo-lhe o peito arfar!
Heide accender meus desejos
E mata-los com mil beijos
Escutando-as suspirar!

Nunca mais a fria noite
No deserto heide sentir!
Nunca mais: que foi açoite
Com que Allah me quiz punir!
Sobre coxins de brocado
Eu sonharei socegado
Suaves cantos a ouvir!
Em vez dos prantos d'outr'ora
Eu verei alli agora
Meigos labios a surrir!

Nunca mais o sol ardente
Minha fronte hade queimar,
Que da patria o ceu clemente
Seus filhos não quer matar!
Em vez do vento rugindo,
As areias sacudindo
No africano palmar,
A brincar entre a folhagem
Sentirei a branda aragem
Filha das ondas do mar!

Gentil Granada, és escrava,
Mas hoje livre hasde ser!
O Mestre de Calatrava
Heide eu fazer-t'o esquecer!
Por Allah é já escripto
Que Aben-Hamet—o proscripto—
Hade ao passado volver!
Que na terra, que era sua,
O pendão da meia lua
Sobre as torres hade ver!

Eu sou Rei! Sou descendente
Desse nobre Boabdil!
Jurei guerra a todo o crente
D'Hespanha covarde e vil!
Jurei-lhe meu odio eterno
Porque meus paes n'um inferno
Mergulhou d'angustias mil!
Meu cavallo, mais depressa,
Que vou cumprir a promessa
Que fiz ao anjo Israfil!

Vou cumpril-a! E ai d'aquelles
Que encontrar o meu punhal,
Pois não conheço qual delles
Foi origem do meu mal!
Do meu pulso ao forte abalo
Sob os pés do meu cavallo
Roje o christão desleal!
Eu não posso ter piedade
Que a suffocou a saudade
Deste meu berço natal!

Ai! Meus paes choraram tanto
Qual ninguem inda chorou;
Foi tão continuo o seu pranto
Que o sepulchro lhes cavou!
Eu — seu filho — Abencerragem —
Heide ter toda a coragem
P'ra matar quem os matou!
Arrastaram-me ao deserto,
Sou leão — e vejo perto
A preza que me insultou!

Meu cavallo, tu não cances,
Galopa a bom galopar!
Talvez na patria descances
Ao cair deste luar!
Galopa, que a noite expira,
Que o fel amargo da ira
Sinto as entranhas queimar!
Meu cavallo, á minha terra,
Que me chama a voz da guerra,
Que não posso mais esp'rar!

Oh! Tremei, gentes de Hespanha,
Aqui vae o vosso algoz!
No sangue que as ruas banha
Vou tingir meu albernoz!
Vê-lo-heis todo vermelho
Retratando, como espelho,
As sombras de meus avós!
Do meu cavallo no dórso
Eu serei como o remorso
Correndo por entre vós!

D'ONDE VENS?!

Tu, que inspiras tanto amor,
D'onde vens—onde nasceste?!
Ai! que a flor que o prado veste
Invejou graça e frescôr
Logo que á terra vieste!

Invejou-te a meiga estrella
O fulgor que em ti reluz;
E tem razão, que és mais bella,
Que apagas o brilho della
Com tua serena luz!

Não és estrella, nem flor!
Dize pois—onde nasceste?!
Se ao mundo do céu vieste
Conquistar eterno amor...
Sem dar batalha, venceste!

Venceste!—De novo agora
Ao teu céu podes voltar,
Que nessa encantada hora
Esta alma, que assim te adora,
Comtigo se irá juntar!

A TEMPESTADE E A ROCHA.

Ruge embora, ó tempestade,
A terra vem açoitar,
Traz o terror á cidade,
Tolda de nuvens o ar,
Revolve os plainos d'areia,
Ao pobre nauta que anceia
Dá-lhe por campa esse mar!

Sacode—corta a florinha
Que sobre a rocha nasceu;
Leva a planta innocentinha,
Leva-a nas asas ao céu;
Mas tu não vês que o rochedo
Te encara e ouve sem mêdo,
Que nem ao menos tremeu?!

Firme, de pé, lá na praia,
Do tempo ás iras surri!
Não se curva, embora caia
Das nuvens um raio alli!
Debalde a tumida vaga
O rochedo abraça e alaga;
Vencer não, não póde ahi!

Que importa, negra tormenta,
Que a flor lhe venhas roubar?
Que a meiga flor que se ostenta
Sobre a rocha—vás ceifar?!
Deus, que alli creou a rosa,
Não póde outra flor mimosa
Do mesmo modo crear?!

Que seja rosa ou saudade!
Que importa o nome a ninguem?
Não crescem na soledade,
Essas flores, que a rocha tem?!
Uma ou outra, qualquer dellas,
Vae porventura colhe-las
Sobre a triste rocha alguem?!

Levaste-lhe a fragil planta,
A pobre flor em botão,
Bem vês tu que furia tanta
Contra a rocha foi em vão!
Fica em pé, qual dantes era,
Ou reinando a primavera,
Ou rugindo audaz tufão!

Corre pois, ó tempestade,
A terra vem açoitar,
Traz o terror á cidade,
Tolda de nuvens o ar,
Revolve os plainos d'areia;
Que importa?! Não te receia
A rocha que quebra o mar!

OS SEUS OLHOS.

I

Fui as donzellas mirando,
Uns olhos garços mirei:
Perdido — louco d'amores,
Defronte delles parei!
Só me fallaram desprezo
Os olhos que assim fitei!

Inconstantes não quizeram
Escutar minha oração;
Oração que é filha d'alma,
De fervor, e devoção,
Não n'a entendem olhos garços,
Nem nunca a entenderão!!

II

Essa flor — esse thesoiro
Nascer fizéra o destino
No mais rico vaso de oiro
E d'alabastro o mais fino!

Não me quiz — teve rasão;
Que — pobre — só poderia
Guarda-la em meu coração!
Lá as folhas regarão
Com agua da fonte fria,
Eu desconsolado e triste
Só com lagrimas ardentes
As folhas lhe regaria!

III

Quiz então procurar uma estrella
A quem désse meu culto d'amor;
Eram todas amadas na terra
Pelos homens — escravos da dor!

Era a mãe, que o filhinho perdêra
Ás estrellas erguendo o clamor;
Era o crente fitando as estrellas,
O piloto, o guerreiro, o pastor!

E sentia crescer-me no peito
Doce chamma de mago calor;
E não tinha encontrado no mundo
Para amante sequer uma flor!

IV

Em noite toda de festa
Negros olhos descubri!
Quem então alli os vira
Como nesse instante os vi,
Qual fiquei — tambem ficára,
Sentira — como eu senti!

Olhos de luz tão serena,
De tão languido volver,
Embora o digam—não creio
Que os venha a terra a comer!
Apagar-se aquelle brilho,
Isso não—não póde ser!

V

Não, que Deos tem destinado
Pô-los junto ao throno seu!
Fazer delles as estrellas
Mais scintillantes—mais bellas,
De quantas bordam o céu!
Lindos são, e bons parecem,
Mas os sonsos, quando querem
Se com a morte não ferem
Fazem peor—endoidecem!

VI

Lindos olhos tão meigos, travêssos,
Lindos olhos como estes não ha!
Que não mintam, não sejam traidores,
Não se esqueçam de mim, oxalá!

E se um dia esses olhos mentirem,
Se no mundo encontrar um rival,
Desça á tumba, ao poder dos remorsos
Quem não soube, não quiz ser leal!

Desça á tumba! De eterna vergonha
Vida eterna, perjura, terás!
P'ra quem rouba na terra o socego
No sepulchro tambem não ha paz.

COMPRAE.

Quem quer fartar seus desejos?
Quem compra os mais doces beijos?
Vendem-se perto: — acolá!
O leilão corre na praça;
Por tanta belleza e graça
Quem mais lança? Quem mais dá?

É linda sim como as rosas,
Mas como as rosas tambem
Dobra e cede a qualquer vento;
Por mil doidas mariposas
O doce mel que em si tem
Reparte a cada momento.

Mas qu'reis vêr o que são beijos
Quaes nunca em loucos desejos
Ninguem viu?! Aproveitae!
Pedi-lhe dos mais bem dados,
Tem altos preços marcados,
Mas vale a pena—*comprae!*

UM CONSELHO.

Minha Laura, eu não sou velho,
Mas posso dar-te um conselho
Que te deve aproveitar;
Não caias em ser espôsa,
Que é seguir a maripôsa
Que na luz se vae queimar.

Embora *Rainha bella*,
Embora *fulgente estrella*
Chame á noiva o trovador;
A noiva não é Rainha,
É captiva — a pobresinha! —
Escrava — pois tem senhor.

Murcha-se a c'roa de flores,
E se acaso outros amores
Rebentam no coração,
Ledos sorrisos d'outr'ora
Meigo olhar, não póde agora
Dar a outrem, isso não!

Rainha, é só a donzella;
Essa, sim: em torno della
Vem os vassallos viver:
Deixa-los póde esquecidos,
Ou escolher p'ra validos
Aquelles que bem quizer.

Mas ir p'ra sempre ligar-se;
Ir em vida sepultar-se
Sem da sua alma' ter dó!!!...
Minha Laura, eu não sou velho,
Mas acceita o meu conselho,
Não te prendas—vive só!

ADEOS!

Cobrem o prado os verdores,
Alli nascem — crescem flores
Na primavéra gentil; —
Alli as aves cantando
Vão em seus cantos saudando
As frescas manhãs d'Abril. —

Vem depois o inverno frio;
Torna-se o prado sombrio,
Sombria a tarde, e a manhã:
Caem as folhas das flores,
Callam-se os meigos cantores
Da primavéra louçã.

Assim nós somos agora;
A nossa formosa aurora
Em breve se ha-de apagar;
Da minha alegria as flores
Longe de ti, meus amores,
Vão, como os outros, murchar!

Tenho-te agora ao meu lado,
Mas logo desamparado
Vêr-me-hei só! Sem ter ninguem!
Já não vem? Pergunto á terra;
E hão-de os éccos da serra
Responder-me:—*Já?... Não vem!*

Porque vaes deixar-me—chóro!...
Porque choras—mais te adóro...
E sou feliz!—Ao prazer
Casa-se a dôr: confundida
Trazendo a morte co'a vida,
Não sei qual possa vencer!!

Por ventura quando o Eterno
Fez o céu e fez o inferno
No mesmo sitio os foi pôr?...
Então n'uma alma sómente,
Como esta, que por ti sente,
Tem lugar prazer e dôr?...

Ai que tem! Uma só terra
Deos creou; e paz e guerra
N'ella vieram morar!
O vento sopra—e descança;
A tempestade, e a bonança,
Pertencem ao mesmo mar!

A éra enrosca-se ao tronco;
Nasce o musgo em seixo bronco
Formando um só,—tu bem vês:
N'uma côr estão mil côres;
E os espinhos, e as flores,
Rebentam dos mesmos pés.

.....

Ao menos n'este deserto,
Que ante mim eu vejo aberto,
Longe de ti, Anjo meu,
Ser-me-ha dado contemplar-te,
Surrir-te, vêr-te, fallar-te,
Pois tens retrato no ceu!

Á noite, quando uma estrella,
Como tu pallida e bella,
Que eu já conheço, — já sei —
Rasgando o veu transparente
No puro esmalte se ostente,
N'ella os olhos fitarei. —

Parte! Adeos!! Quando voltares,
Se inda vivo me encontrares,
Meu amor vive tambem!
Vê tu lá se entre essas flores
Me vaes deixar uns amores,
Que são meus — de mais ninguem.

A F. X. DE NOVAES.

Resposta a uma carta—que pedia versos para o jornal —*O Bardo.*—

Amigo e Senhor Faustino,
Tem sido tal a demora
Em cumprir o seu mandado,
Que talvez a esta hora
Por alma tenha resado
Deste *innocente* menino.
Se tal foi, conheça agora
Que fez um juizo errado,
Pois sinto grande melhora.
Mais chôcho do que um pepino,
Confesso que estive ha mezes,
E meu extremoso Pae,
Como Pae, sempre em cuidado,
Ouvia dizer-me ás vezes
Com voz d'author pateado:
=*Isto está no vae não vae*=!
Amarello como a lua,

Delgadinho como um taco,
Olheiras cor de tabaco,
Macambusio, mono, fraco,
Mal podia andar na rua;
Mas vae senão quando — zás —
Foi-se a molestia á tabua,
Outra vez temos rapaz.
E sem mais cavaco dar,
Sem me importar mais com ella,
Ao barquinho soltei vella.
Comecei a navegar! —
Inda bem — que é forte séca,
Sendo-se ainda tão moço,
Levadinho inda da bréca,
Ir, tornado em pelle e osso,
Dormir a eterna sonéca!
Se eu fosse desses Janotas,
Que trazem rugas nas botas,
E luva azul, e farpellas
De panno lustroso, e máo; —
Dos colossaes toleirões,
Que, com lunêta, sem grão,
Até namoram tigellas,
Que por ordem dos patrões,
P'ra crear mangericões,
Pôz a criada ás janellas, —
Então, sim: — era bem feito —
Mas eu que não tenho geito
Para ser tão papafina,
Que não uso a perna fina,
Nem sapato acatitado,
Nem quebro nenhuma esquina,
Não devia ser poupado?!
Devia, e fui; — e agora,
Amigo, sem mais demora
Vou cumprir o seu mandado.

Ninguém me julgue possesso,
Mas trema o ceu, e a terra,
Que accêso em furia começo
Meu primeiro

HYMNO DE GUERRA.

Que importa, que venha a morte,
Meus irmãos, agora ou logo?!
D'escravos importa a sorte!
Isso sim: — os grilhões córte
Nossa espada! Ás armas! — Fogo!

CORO.

Surge em pé, meu Portugal,
Ergue emfim altivo o collo;
Nós, mortos no patrio sólo,
Seremos teu pedestal!

. . . . . .

. . . . . .

Bravo! Bravo! Não vae mal!
Que expressão! Que valentia!
Eu proprio admiro e pasmo!
E, mais dia, menos dia,
Para pagar-me a energia
Do meu nobre enthusiasmo,
Ferram-me alguma commenda,
Sem eu na secretaria
Ter feito tal *encommenda!* —
Bem vê pois, que a coisa é séria,
Assim — não sei se lh'o conto —
Em semelhante materia
Desde já pespego um ponto.
Longe a feia catadura;
Longe a vingadora espada;
Venha tornar-me a doçura
N'um pires de marmellada,

N'um pipinho de ternura,
Que o bicharôco poeta,
Meigo embrulho que Deus fez,
A quem o mundo — pateta! —
Chama extravagante *indêz*, —
Alma — tem-n'a para tudo,
Mas a brandura é seu forte:
Podesse, depois da morte,
Vêl-a alguem por um canudo, —
Apósto que via um córte
Do mais macio velludo.
E para maior belleza,
Ao magro, como ao pansudo,
(D'aqui nasceu a igualdade
Da Republica Franceza)
Dar-lhes quiz a natureza
Tão rara delicadeza,
Que se tornam massadores
Na extrema fidelidade
Que guardam aos seus amores. —
Concluido este elogio,
Que dispáro á queima-roupa
Nos vates, — por compadrio, —
Aproveito um tal momento,
E passo a molhar a sôpa
Na dôrna do sentimento.

VERSOS A DULCE.

Foi aqui, branca açucena,
Vida, sonho, encanto meu,
Que, d'outono em tarde amena,
Te adorei, anjo do Ceu! —
Esse mar, que além murmura,
Essa areia, a rocha dura,

Hoje ainda os mesmos são: —
As mesmas hastes das flores,
Do sol os mesmos fulgores,
As mesmas brisas d'então!
Tudo vive aqui ainda
Como d'antes: —Só tu, linda,
Não és a mesma! Ai! Que não!
Por esse amor que me déste,
E teve comêço aqui,
Que tu — embora — esqueceste,
Mas em que eu tanto vivi!...
Vou nest'hora de saudade,
Vou por ti, casta Deidade,
Erguer singela oração!...

.. ..

Máo, que faço trapalhada!
Fui seguindo a inspiração,
E vejo agora que o — *ão* —
Se torna a rima forçada
De cada estrophe aleijada,
Que escrever a minha mão.
Portanto, da empreza cêdo,
Não só por esta razão,
Mas por ter um grande mêdo
De precisar, tarde ou cêdo,
Do termo = *Constituição* =
Que apezar de estar no *termo*
É por si só — mesmo o termo —
Cá da minha embirração.
E visto que não consigo
Mandar lhe coisa que valha,
Por quem é, perdôe, amigo.
Ao seu do C.

F. Palha.

Agosto de 1852.

BOOK DUE WID
FEB 5 1979
6249701
NOV 1978

Port 6122.32.5
Poesias.
Widener Library

3 2044 080 824 246